



CARTOGRAFIA E PRECONCEITOS REGIONAIS

Cassio Expedito Galdino Pereira ¹

RESUMO

O presente trabalho tem o intuito de trazer ao debate o papel das representações cartográficas feitas por artistas como maneiras para interpretar a região como espaço do planejamento e do vivido dentro da lógica moderna-colonial do sistema capitalista. Para isso se terá como intento os mapas de estereótipos, tendo o trabalho de Yanko Tsvetkov como objeto de estudo. Entende-se que os mapas de estereótipos trazer uma criticidade a partir de preconceitos postos em Estados-nações, fazendo caricaturas sobre a realidade social. Logo, a partir de um levantamento bibliográfico e análise de dois mapas sobre a América do Sul, constata-se possibilidades de revelar a partir desses mapas o imaginário geográfico. Nesse sentido, entende-se que estes mapas possibilitam mostrar narrativas invisíveis, bem como debater sobre o legado colonial e capitalista nessa região.

Palavras-chave: Mapas de estereótipos, Imaginário geográfico, Geopolítica, Capitalismo.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo traer al debate el papel de las representaciones cartográficas realizadas por los artistas como formas de interpretar la región como un espacio de planificación y convivencia dentro de la lógica colonial moderna del sistema capitalista. Para ello, apuntará a mapas estereotipados, teniendo como objeto de estudio el trabajo de Yanko Tsvetkov. Se entiende que los mapas estereotipados traen críticas basadas en prejuicios colocados en los estados-nación, haciendo caricaturas sobre la realidad social. Por lo tanto, a partir de un relevamiento bibliográfico y análisis de dos mapas de América del Sur, existen posibilidades de revelarlos a partir de mapas o imágenes geográficas. En este sentido, se entiende que estos mapas permiten mostrar narrativas invisibles, así como debatir el legado colonial y capitalista en esta región.

Palabras clave: Mapas de estereotipos, imaginario geográfico, geopolítica, capitalismo

INTRODUÇÃO

No âmbito dos estudos e pesquisas sobre a Geografia Regional, a Cartografia serve como poder e discurso para mostrar as geografias dos fenômenos que se combinam em suas relações para construir a região. Mapas e mapeamentos vão relatar as perspectivas e acontecimentos que ocorrem em uma região específica. Assim, para

¹ Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE, integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre o Espaço Agrário e Campesinato – LEPEC/UFPE, cassio.expedito@gmail.com;



este entendimento necessitamos ter uma compreensão de como os discursos nestes mapas nos revelam histórias espaciais que são forjadas em distintas conjunturas com o objetivo de controlar, produzir, circular e consumir processos sociais e ontogêneses. O mapa se torna um objeto para pesquisas sociais com o objetivo de entender os interesses, relações de poder constante e conflitos sociais presentes na constituição da região desde os tempos coloniais e na lógica do sistema capitalista.

Portanto, quando se trata de analisar a Cartografia como um discurso que coloca a explanação e expressão de um dado recorte espacial no âmbito da geografia, verifica-se que na análise regional, muitas vezes, não são abordadas, as visões de mundo postas pelos sujeitos sociais que são atores na construção da região. Os mapas feitos mostram uma visão fria da realidade, sem trazer os esboços, situações, dilemas e pensamentos sem conexão com a vida social.

Cabe lembrar que a Cartografia está presente no nosso cotidiano, sendo usada como uma linguagem para comunicar sobre as geografias dos fenômenos, nos possibilitando expressar ideias a partir de seus símbolos, fazendo nós interpretarmos as relações e situações que ocorrem. Porém, temos de lembrar que frequentemente a Cartografia é posta como um aglomerado de técnicas que quase exclusivamente apreende o espaço geográfico através da geometrização e medição, entre outros métodos (neo)positivistas produzidos na modernidade-colonialidade, sem a preocupação de mostrar como essas representações poderiam ser usados no nosso dia-a-dia. Logo, sua potencialidade não emerge, fazendo crer que só serve para nos localizarmos.

Através dessa concepção restrita do mapa e da cartografia reduz-se o sentido do mapa a um produto que serve apenas para localizar os fenômenos, apresentando uma leitura simplicista e superficial do que está acontecendo, não tendo nenhuma serventia para a nossa realidade. Como analogia à geografia dos professores de Lacoste (1988), essa cartografia do espetáculo não questiona o que existe nos mapas da região, mas apenas segue padrões generalizados: a ideia de que o mapa é completo e já diz tudo.

No entanto, a partir da teoria social dos mapas, iniciada a partir da Nova História da Cartografia (NHC), há uma mudança de paradigma, levando a uma crítica social (HARLEY, 2005). O mapa e o ato de mapear começam ser vistos como um ato de poder que vai discursar sentidos e perspectivas para os usuários. A natureza dos mapas, sendo ela não objetiva e antissocial, começa a ser vista como ambiente de disputa entre a elite e os subalternizados. Essa lógica faz notar que o mapa não pode seguir a noção



proposta na racionalidade da modernidade, pois essa é apenas uma das maneiras de se mostrar o espaço, mas não somente a única.

Sob essa premissa, que está aliada à virada espacial, à virada cultural e à virada imagética, os mapas feitos por não acadêmicos, como os artistas, ganham força para mostrar a realidade social. No entanto, estes ainda não ganharam força entre pesquisadore(a)s da área, fazendo ainda ser um local que deve ser explorado. Assim, busca-se aqui iniciar um debate sobre a compreensão da região como espaço do planejamento e do vivido dentro da lógica da colonialidade-capitalismo-geopolítica a partir da interpretação de mapas feitos por artistas. Tal intento será feito pela interpretação do trabalho do cineasta, escritor e artista búlgaro Yanko Tsvetkov (2015), um dos principais nomes que trabalha com mapas de estereótipos. Esses mapas, com um humor crítico ácido, revelam pensamentos e visões de mundo a partir dos preconceitos colocados por sujeitos sociais de outras nações.

Destaca-se que o autor baseia esses mapas em estudos que ele realizou a partir de entrevistas e análise empírica da realidade, vendo os preconceitos reais que uma parcela da sociedade possui. Portanto, desde o Estados Unidos de Trump ao Brasil, há mapas que narram visões estereotipadas. Todavia, essas visões são políticas, seguindo a ótica colonial imposta do mundo, fazendo caricaturas países e regiões serem caricaturados por preconceitos impostos historicamente.

De tal modo, entendendo os mapas como crônicas (LOBATO, 2020; SEEMANN, 2013), narrativas invisíveis que precisam de leituras, este artigo irá se debruçar na interpretação como registros da colonialidade do poder (WALSH, 2005; QUIJANO, 2005) em mapas da região sul-americana pelos estereótipos de sujeitos que vivem nesses países ou do mundo. Estes mapas serão pontos de partidas para apontar alguns registros sócio-espaciais fundamentais para a construção de tais estereótipos, fazendo entender como está organizada e imaginada a realidade representada.

METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, a metodologia utilizada baseou-se em uma pesquisa explicativa. Os resultados foram alcançados a partir de uma revisão bibliográfica, onde, primeiramente realizou-se o levantamento acerca dos temas Cartografia Crítica Social, região e mapas de estereótipos. Essa etapa contribuiu para



uma melhor fundamentação dos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa apresentada, alicerçando a segunda etapa, a análise do trabalho de Yanko Tsvetkov, vendo os contextos histórico-espaciais presentes nos mapas da América do Sul. Essa análise baseou-se nos fundamentos propostos por Harley (2005), sendo que a partir da interpretação dos estereótipos colocados se realiza uma reflexão das injúrias colocadas, do cartógrafo e da sociedade que fazia a injúria ao comparar os mapas (HARLEY, 2005). Com isso pode-se revelar como as histórias espaciais da colonialidade do poder e saber estão atreladas nessas representações.

Vale destacar que Yanko Tsvetkov produz seus mapas a partir de relatos de pessoas do seu círculo de convívio. O seu intuito inicial era representar as informações que estavam acontecendo para amigos que moravam em outros países por meio dos mapas, aos quais seriam formas mais dinâmicas destes entenderem. Dessa maneira, Tsvetkov começou ouvir essas pessoas e comunicar quais eram os fatos e visões que tinham sobre países, regiões e/ou o mundo. Logo, seu objetivo não foi trazer debates geográficos, mas possibilitar que cada pessoa fizesse essa leitura, como a análise que articula-se nesse trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde a modernidade, os grupos hegemônicos elaboram mapas para legitimar e controlar os territórios. De forma simbólica, mapeamentos são feitos para o interesse de imaginar e organizar o espaço para a manipulação de saber e poder (HARLEY, 2005). Nesse processo há tanto uma destruição criativa (HARVEY, 2015) como uma degradação da capacidade produtiva de compreender fatos e conhecimentos geográficos expostos por diferentes mapas. Há uma ideia de que a maioria da sociedade, especialmente grupos oprimidos e marginalizados, não conseguem ler um mapa, mas não se questionam os motivos e interesses por detrás dessa situação, nem sequer a naturalização sobre os mapas usados.

Girardi (2013, p. 71) aponta que as produções cartográficas “foram gestadas no âmbito de uma atividade planejadora/estratégica de territórios, o que, por muito tempo, foi uma via relevante de engajamento social do geógrafo”. Por esse sentido, perdurou até o movimento da NHC uma monossomia da Cartografia que apenas serve para instrumentalizar a tomada de decisão rápida do Estado burguês. Consequentemente, a



região é vista em seu sentido da Geografia Clássica como unidade cartografada ao serviço do Estado que subsidia os interesses do capitalismo. Como consequência, ainda hoje existe uma imagem da região mistificada e susceptível à manipulação política (LENCIONI, 2009). É como algo que não necessita questionamento, porque é uma verdade, pronta e acabada.

Haesbaert (2020) lembra que a região determinada na Geografia Regional Clássica é posta como um recorte espacial simples e genérico, que contribuía em fazer estudos detalhados de diversas nuances da realidade espacial para ter serventia com os interesses geopolíticos do Estado. Lacoste (1988) já denunciava que tal fato tinha papel crucial na geografia dos oficiais, com seus mapas e cartas para serventia da estruturação de estratégias e táticas de conquistas coloniais para o sistema capitalista (MIGNOLO, 2005). De tal modo, é necessário entender o mapa não somente como meio de poder, mas também como texto que precisa ser lido nas suas entrelinhas, como já relatou Brian Harley (2005), mostrando a região invisível que ali se encontra.

Neste sentido, Cosgrove (2008, p. 170) aponta que necessitamos remover os mapas e os mapeamentos “do estrito clã dos cartógrafos profissionais, e o uso do mapa dos confins profissionais de geógrafos, planejadores e burocratas, as tecnologias de informação têm democratizado o mapeamento”. Tal mudança cultural vem sendo feita através da democratização dos mapas, sendo estes “onipresente na vida cotidiana, e cada vez mais está ao alcance de seu usuário manipulá-los e transformá-los” (COSGROVE, 2008, p. 171). Por isso, cabe dizer, nas palavras de Girardi (2013, p. 72), que “na virada do século XX para o século XXI, nós, pesquisadore(a)s da Cartografia na Geografia, habitávamos esse território em desfazimento pelos fatores institucionais, políticos, ideológicos e epistemológicos mencionados”. Na busca de novas rotas, produzir olhares sobre/do mundo a partir da Arte foi sendo aproximado em estudos elaborados por este(a)s pesquisadore(a)s.

Nesse ponto, como Seemann (2013) lembra, é preciso ver o mapa mais do que simples representações, pois este é uma forma de expressar e comunicar que possui agendas escondidas, intenções e discursos que precisam ser lidos. Dessa maneira, é preciso ler entre as linhas do mapa, indo as margens do texto e revirando as histórias espaciais existentes. Ao fazer isso, conforme afirma o autor, iremos desvelar os silêncios e as contradições, mostrando que as imagens formadas e gestadas no nosso imaginário não são verdades absolutas e nem tão pouco honestas.



Há vários fatos dentro de um simples mapa, que nos abre um mundo complexo e dinâmico, necessitando um modo para olhar estes dilemas (HARLEY, 2001). Cada mapa deve ser visto como um modo particular de pensar, conceber, representar e visualizar o mundo. Neste sentido, os mapas não são produtos prontos e acabados, mas pontos de partidas (SEEMANN, 2013).

A partir desse estado da arte, Lobato (2020) baseado em Seemann (2013) considera que o mapa deve ser visto como uma crônica. Ao tecer essa reflexão em sua tese, Lobato (2020, p.87), traz exemplos de como “esse tipo de linguagem imagética, mas que tem um componente espacial, é uma validação de que a Cartografia tem sido cada vez mais cotidiana enquanto prática social”, e assim esse mote nos possibilita enxergar que fazedore(a)s de mapas busca fazer narrativas (nos mais diferentes estilos possíveis) dos acontecimentos espaciais experienciados ou imaginados. Dessa forma, os mapas como crônicas fazem mais do que localizar as geografias do fenômeno, mas revelam as histórias espaciais.

Por isso, os estereótipos que existem da região devem ser refletidos criticamente, pensando como a construção de pensamentos se massificaram e tornaram-se realidades concretas. Em outras palavras, verifica-se que através de mapas de estereótipos, podem-se entender o imaginário social, as mistificações e as representações que cada sujeito social ou o grupo possui de cada parcela do mundo.

Neste ponto, Gonçalves (2008, p. 252) constata que a região se produz fora dela, através de sua natureza política, social e cultural. Sob isso, o autor coloca que as decisões se aplicam na região, mas o poder central está com a elite, decidindo fora, inclusive, apontando estereótipos sobre essa área, sendo necessário que façamos leituras sobre os vínculos de poder instaurados.

Lencioni (2009), quando revela como se pode facilmente manipular as nossas noções e conceitos, mostra a influência da mídia, dos políticos e da economia globalizante no ato de estereotipar a ideia de região. Segundo essa autora, isso acontece porque este conhecimento já é um saber popular, mas este pode ter sido forjado por diversos interesses que devem ser interpretados. Temos que compreender as diferentes escalas regionais que existem. Para isso, a partir do trabalho de Yanko Tsvetkov, buscará as histórias espaciais existentes desses estereótipos, revelando as colonialidades do poder e saber que dominam o imaginário social.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra destes mapas estereotipados da região sul-americana desvendou as configurações espaciais que estão nas cabeças dos sujeitos ou grupos sociais que muitas vezes não são representados. Com isso, podem-se entender a realidade e os processos com suas agendas escondidas, intenções e discursos que estão aguardando a sua leitura (SEEMANN, 2013). Em outras palavras, estes mapas com estereótipos a partir da leitura entre as linhas - nas margens da crônica - ajudam a descobrir os silêncios e as contradições que desafiam a aparente representação humorística. Nós começamos a aprender que fatos cartográficos são apenas fatos dentro de uma perspectiva cultural específica, não como 'aberturas transparentes do mundo', mas como 'um modo humano particular de olhar para o mundo' (HARLEY, 2005).

A Cartografia, que não é vista como uma linguagem que pode narrar fatos e fenômenos cotidianos, a partir da visão de Yanko Tsvetkov possibilita manusear com o imaginário geográfico, adentrando a Geografia da Mente que foi sendo constituída por fatores históricos e sociais (HARVEY, 2015). Perpassando noções generalizadas, sem ter um cunho científico, o artista consegue demonstrar fatos e fenômenos que existem ali, levando o leitor a pensar os motivos, pois para muitos já está naturalizado, sendo atividades diárias ou parte das manifestações sócio-culturais de cada Estado-Nação sobre as regiões do mundo.

Ao narrar nos mapas as visões de pessoas, Tsvetkov revela uma Geografia Social escondida, libertando de forma espontânea as questões particulares das suas ideologias, dogmas, crenças e valores que são construídos. Assim, as experiências territoriais expostas vão mostrar o poder cívico que domina o imaginário dos entrevistados, bem como as disputas existentes. Nota-se que cada mapa é um modo particular de perceber, pensar e representar o mundo a partir do espaço e tempo vivido.

Nessa perspectiva, estes mapas dos estereótipos, de cunho artístico e não científico, perpassam a noção generalizada, trazendo disputas entre países e visões preconceituosas. Na figura 1 e figura 2, por exemplo, mostra o mapa de preconceitos de acordo com os brasileiros e argentinos a partir de dados coletados em 2016. Nesse ponto é evidente perceber que há territorialidades em disputa entre essas duas nações. Este fato é marcante no caso da rivalidade constituída no futebol contra a Argentina, que é



marcada como tendo ‘jogadores de futebol deficientes’. Já para os argentinos o Brasil é marcado como ‘futebol muito ruim’.



Figura 1- Mapa de estereótipos de acordo com os brasileiros (2016). Fonte: Yanko Tsvetkov/Atlasofprejudice.com.



Figura 1- Mapas de estereótipos feitos por brasileiros e argentinos. Fonte: Yanko Tsvetkov/Atlasofprejudice.com.

Se saímos de uma rivalidade constituída pelo calor do momento dos jogos históricos disputados, tal fato pode adentrar uma visão colonial do poder econômico das elites que detêm o futebol. Assim, pode-se debater que a rivalidade pode ter ponta pé inicial no processo de dominação dos territórios em 1500, tendo como ponto central o tratado de Tordesilhas que fez a divisão de terras entre Portugal e Espanha. Este tratado, que tentava selar as disputas comerciais e políticas entre as duas grandes potências econômicas daquele período, não foi cumprido por Portugal, pois houve projetos de ampliar as terras, especialmente as localizadas ao Sul. Nesse sentido, mesmo a Coroa espanhola permitindo esse avanço, inicia-se uma disputa entre essas terras.



Tais disputas se intensificam com a busca de controle da região do rio da Prata entre 1825 e 1828, que era controlado pela Argentina, mas já havia disputas entre os colonizadores portugueses e espanhóis. Com as disputas geopolíticas que fizeram a Coroa portuguesa vim ao Brasil, tendo Portugal sido invadido por França com apoio da Espanha, Dom João VI resolveu anexar essa região, tornando-a Província da Cisplatina. Contudo, isso não foi recebido de forma pacífica, levando a Guerra de Cisplatina. Ao final, essa região tornou-se independente, tornando-se Uruguai.

Tsvetkov pode nos mostrar indícios dessas consequências pelo rio da Prata com as nomenclaturas do oceano, fazendo a visão feita por pessoas brasileiras denominarem o Oceano Atlântico como Brasileiro e a Argentina descrever que a parte pertencente ao Brasil como ‘Ipanema mar de esgoto’ e em sua parte é Oceano Argentino.

Após esses incidentes pode-se notar que há experiências territoriais de disputas entre as duas nações, que reverberou no futenol, especialmente após as conquistas dos países a partir da década de 1950, bem como o surgimento de bons jogadores, como Pelé e Maradona. Se olharmos os dias atuais veremos que os times do Brasil e times da Argentina disputam vendas de jogadores para a Europa, investimentos de multinacionais e bancos, bem como o público de outros países para fazerem turismo.

Outra disputa de territorialidades está presente no mapa da Argentina (figura 2), onde consta que as Ilhas Malvinas, que foi perdida na guerra contra o Reino Unido, possuem imigrantes britânicos ilegais. Os antecedentes dessa ilha, localizada nas proximidades da Argentina, sempre foi de disputa entre o Reino Unido, Espanha e França. Nesse sentido, sem saber quem era realmente dono, os britânicos ocuparam essa ilha em 1833 pela sua importância geoestratégica nas rotas marítimas, exploração de baleias e nos dias atuais de petróleo. No entanto, a Argentina nunca aceitara essa decisão, pois considerava-se legítima dona dessas terras, pois antes eram dos seus colonizadores, os espanhóis. Essa situação levou a deflagarem uma guerra contra o Reino Unido em 1982, ao qual saiu perdedora.

Na figura 1 pode-se notar que para as pessoas brasileiras o país Equador é marcado como tendo bananas ruins, sendo que ele é o maior exportador para o mercado mundial. Mesmo que for um bairrismo dado pelas pessoas brasileiras entrevistadas, por conta do sabor da fruta plantada em território nacional, essa crítica pode impactar o comércio da banana do país vizinho. Logo, fica nas entrelinhas uma possibilidade de que tal crítica está atrelada a disputas do agronegócio, nas quais o território brasileiro,



incentivado por multinacionais, busca mercado para a venda de banana. Já as pessoas da Argentina colocaram que ali é uma selva. Por que motivo? Será que os informantes argentinos querem apagar a potência exportadora de bananas do Equador?

No caso da Bolívia verifica-se que os argentinos classificam o país como terceiro mundo. Este fato é algo evidente, quando se observam os dados do Índice de Desenvolvimento Humano e o Coeficiente de Gini que indica a desigualdade de renda. De que maneira esses prejuízos estão ligados a processos histórico-políticos como, por exempli, as disputas territoriais entre a Argentina e a Bolívia de 1837 a 1839? Já na visão brasileira, a Bolívia possui uma ‘deficiência de oxigênio’, o que se relaciona com as altitudes de muitas partes do país a mais que 3000 metros acima do nível do mar. Sabe-se que quanto mais distante estiver do nível do mar as pessoas sentem efeitos, como a falta de ar e isso é muito visível em jogos de futebol televisionados, quando jogadores da seleção ou de times sentem dificuldades de respirar, o que diminui seu rendimento na partida. Assim, será que esse argumento se relaciona com a questão do futebol apresentada pela mídia?

Outra situação que pode olhar nesses mapas são estereótipos marcado por questões históricas, como Guiana Francesa sendo território brasileiro ou sendo demarcado pelos argentinos como esta não é a França, Venezuela tendo novelas ruins para brasileiros e peitos falsos para argentinos, bem como mulheres com peitos pequenos para brasileiros e chatos sem charme para argentinos. Se fizermos uma análise a partir dos fatores históricos e geopolíticos se entenderá que esses estereótipos acontecem por disputas de territorialidades advindas da colonização e o avanço do capitalismo na América do Sul. Portanto, conforme lembra Mignolo (2005) e Walsh (2005), a colonização, o patriarcado e o capitalismo constituem essa modernidade-colonialidade que gesta de pensar e imaginar o mundo, se metamorfoseando na desigualdade, dependência, imperialismo, dominações do outro.

O que Yanko Tsvetkov coloca para grafar não é somente uma posição de uma pessoa, mas representações que resumem os aspectos materiais ou imateriais desse imaginário geográfico sobre o território, aos quais escondem essas situações. Dessa maneira, quando algumas pessoas representam seus pensamentos, noções, visões, sentimentos e vontades, conseguimos começar a deslumbrar a Geografia e Geopolítica posta.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, vemos que estes mapas de estereótipos podem nos trazer uma abertura sobre os motivos de injúrias, fazendo com que se analisem os mapas não como produtos, mas como processos que trazem crônicas das histórias espaciais que necessitam ser aprofundadas em pesquisas. O simples olhar nesses mapas apenas traz possíveis indícios dos motivos para tais injúrias, mas estes podem possibilitar uma ideia diferente e distinta de uma região, atendendo os interesses da elite e postulando visões coloniais mundo afora.

Por esse sentido, necessita-se um maior esforço de pesquisadore(a)s para se engajarem de entender os motivos e perspectivas de tais fatos, incluindo exercícios práticos para os sujeitos sociais de cada localidade demarcar seus estereótipos. Assim, cria-se uma leitura crítica social das histórias espaciais a partir dos mapas de estereótipos. Logo, constata-se que mapas dos estereótipos não é algo sem finalidade, uma brincadeira, mas uma maneira de comunicar as geografias dos fenômenos.

A Cartografia dos Estereótipos apresentada por Yanko Tsvetkov é um processo dinâmico de ler, entender, interpretar, refletir e produzir as territorialidades em disputas, que são reveladas e reafirmadas constantemente pelos interesses geopolíticos. A partir delas há desafios para continuarmos a discutir e divulgar produções de mapas e mapeamentos que estimulem a produção artística para narrar esses enredos da Geografia do Capital. Deste modo, será instigado uma (re)visão sobre a realidade, sobre o social, em um patamar ligado ao crítico sobre este imaginário, que não é produzido e repassado pelos mapas convencionais e possui enorme importância para as pesquisas sociais.

REFERÊNCIAS

COSGROVE, Denis. Cultural cartography: maps and mapping in cultural geography. *Annales de géographie*, n° 660-661, vol. 2, 2008, p. 159-178.

GONÇALVES, Cláudio Ubiratan. Geografia Política e Poder na Gestão do Território. *Fragmentos de Cultura* (Goiânia), v. 18, p. 251-263, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade**: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na "América Latina". Buenos Aires e Niterói: Clacso e PosGeo UFF, 2021.



HARLEY, J. Brian. **La nueva naturaleza de los mapas**. México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

HARVEY, David. **Paris: capital da modernidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 18ª ed. Campinas: Papirus, 1988.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 2009.

LOBATO, Rodrigo Batista. **Multiletramentos na Cartografia**. 2020. Tese (Doutorado em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2020. 254 p.

MIGNOLO, Walter. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade**. In: LANDER, E. (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. In: LANDER, E. (Org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277

SEEMANN, Jörn. **Carto-crônicas. Uma viagem pelo mundo da cartografia**. 2ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

TSVETKOV, Yanko. **Atlas of prejudice: the complete stereotype collection**. S.l.: Alphadesigner, 2016.

WALSH, Catherine. **Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento ‘otro’ desde la diferencia colonial**”. In: WALSH, C.; LINERA, A. G.; MIGNOLO, W. **Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo, 2006. p. 21-70.